

## RETRATOS DE SERES SEM ROSTOS

SABINA VALLARINO SEBASTI<sup>1</sup>;

ANGELA RAFFIN POHLMANN<sup>2</sup>; CLÁUDIO TAROUCO DE AZEVEDO<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – sabinavallarino@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – angelapohlmann@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – claudiohifi@yahoo.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

Os limites da minha pintura denotam os limites da minha percepção, exatamente no sentido em que WITTGENSTEIN (1921, p.116) enunciava que “os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo”. Depois de sete anos de trabalho e concentração no desenvolvimento de minha poética - o retrato pictórico - consegui atingir um patamar técnico a partir do qual nada que olhe me resulte impossível de pintar. Essa capacidade, mais que uma liberação, transformou-se num obstáculo, até que vislumbrei que o que precisava não era adquirir mais destreza na pintura, senão desenvolver minha percepção das coisas, o que os filósofos alemães souberam sintetizar na expressão *Weltanschauung*<sup>1</sup>. Na tentativa de ampliar e modificar minha visão de mundo, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFPEL) em 2015.

O objetivo da minha pesquisa em poéticas visuais é desenvolver uma produção pictórica que realize uma reflexão sobre a percepção no cenário contemporâneo, atendendo à visualidade de fenômenos urbanos como velocidade, trânsito, luz, arquitetura, entorno, interação, tempo, na medida em que alteram e transformam nossa consciência no mundo.

No curso de Mestrado de Artes Visuais, tenho tido a oportunidade de estudar autores como MERLEAU-PONTY e VIRILIO, os quais me fazem repensar as questões de percepção e de velocidade na vida contemporânea nas cidades.

Atualmente, a aceleração das mudanças tecnológicas, a proliferação de imagens virtuais e a velocidade das comunicações fez com que a percepção do mundo tenha se tornado uma atividade muito mais complexa, confusa e desorientadora do que, fenomenólogos como MERLEAU-PONTY (1997), puderam chegar a suspeitar. Segundo VIRILIO (1997) não moramos num mundo globalizado senão simplesmente virtualizado. As comunicações, e a informação em geral, chegam agora em tempo real. Vivemos num ciberespaço onde a verdadeira globalização é do tempo. Como filho da *Blitzkrieg*, a guerra relâmpago, VIRILIO cresceu observando os *bunkers* abandonados da costa francesa, postos de observação e alerta da invasão inimiga durante a segunda guerra mundial. Ele reflete, que assim como naqueles postos de observação, agora estamos condenados a nos resguardarmos na imobilidade. A velocidade, quase inassimilável, em que temos notícia de tudo o que acontece no mundo nos submete a um estado de alerta paralisante, preocupados permanentemente em antecipar o que está por vir. Essa é precisamente a sensação de cada um de nós nos tempos atuais, a impressão de que alguma coisa está acontecendo em algum lugar, uma ansiedade que nos detém na tentativa de esquadrinhar insistentemente o futuro imediato.

---

<sup>1</sup> Termo usualmente traduzido como cosmovisão, representa a tentativa do ser por compreender seu entorno, se colocar no mundo e ter consciência de si mesmo. (Nota da autora.)

Nesse contexto, a arte moderna e principalmente a arte contemporânea, não se caracterizam por uma ruptura com a representação do real, senão por uma ruptura deliberada com o passado. A representação da realidade deixou de ser a preocupação fundamental da arte, e não por causa do surgimento da fotografia, senão devido ao fato de que deixamos de querer lembrar. Não é a representação do real, substituída pela fotografia ou o cinema, o que agora perdeu sentido na arte contemporânea. É a representação do acontecido tal como se configura na nossa memória, o que já não nos interessa; preocupados em demasia por antecipar o futuro, o porvir súbito, que poderia atingir e modificar nossas vidas e nosso lugar no mundo drasticamente.

## 2. METODOLOGIA

A observação é talvez um dos métodos mais antigos para se conhecer o mundo, válido ainda para os cientistas e muito mais para qualquer artista. Contudo, não se trata simplesmente de captar os dados sensíveis da realidade, pois “precisamos conceber as perspectivas e o ponto de vista como nossa inserção no mundo-indivíduo, e a percepção, não mais como uma constituição do objeto verdadeiro, senão como nossa inerência às coisas” (MERLEAU-PONTY, 1997, p.362).<sup>2</sup>

Assim, percorro a cidade com uma máquina fotográfica para resgatar uma narrativa dos acontecimentos. Esta é sempre a primeira etapa do meu processo de criação.

Na estética urbana, percebo os seres transitando sem rostos, já que a cidade devora suas identidades. Construções contumazes e ruas vertiginosas lotadas de habitantes, que ao nosso olhar, se apresentam como seres anônimos. Corpos que passam, transitam e transmitem a mesma indiferença da paisagem que os acolhe. Mas, por momentos, nós também podemos achar um excêntrico prazer em não ser ninguém, em deixarmos sumir nesse caos visual, auditivo e arquitetônico da cidade, em fugir por instantes da nossa personalidade tão estruturada, que permanentemente se espelha nos outros. As forças luminosas e barulhentas da urbe são potências dionisíacas que, por instantes, nos liberam do nosso eu.

Depois de muito olhar as fotos obtidas numa caminhada pelo centro da cidade, seleciono intuitivamente aquelas que concentram aspectos estéticos de composição e cor, assim como potencial descritivo. Alguma situação que seja ao mesmo tempo cotidiana e evocadora, banal e poética, pública e intimista na mesma direção que as pinturas de HOPPER (1882-1967) nos convocam.

Cada material fotográfico selecionado transforma-se num esboço para uma futura pintura, que começo a elaborar com pigmentos ao óleo sobre tela ou madeira, em dias de processo continuado, com valiosa dedicação e tempo inestimável.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram feitas algumas pinturas que dão conta da investigação criativa ainda em andamento. Nas obras relato acontecimentos e percursos com uma sutil atmosfera de ficção. Amiúde utilizo riscos de cor para simbolizar o impacto daqueles efeitos da velocidade e da luz, que não podemos reter em imagens definidas. A falta de definição formal desses efeitos luminosos me libera da pretensão de representá-los

---

<sup>2</sup> Tradução da autora.

em formas concretas. Procuro preencher as imprecisões da nossa visão com soluções pictóricas mais expressionistas e abstratas. Achei, nesse sentido, um caminho onde elementos figurativos convivem com elementos não-figurativos.

Os recursos pictóricos da abstração, do construtivismo e do expressionismo, antes considerados descolados da realidade e da aparência das coisas, hoje são imprescindíveis para desenhar paisagens urbanas que deixaram de ser parte da natureza (Fig. 1 e Fig. 2).

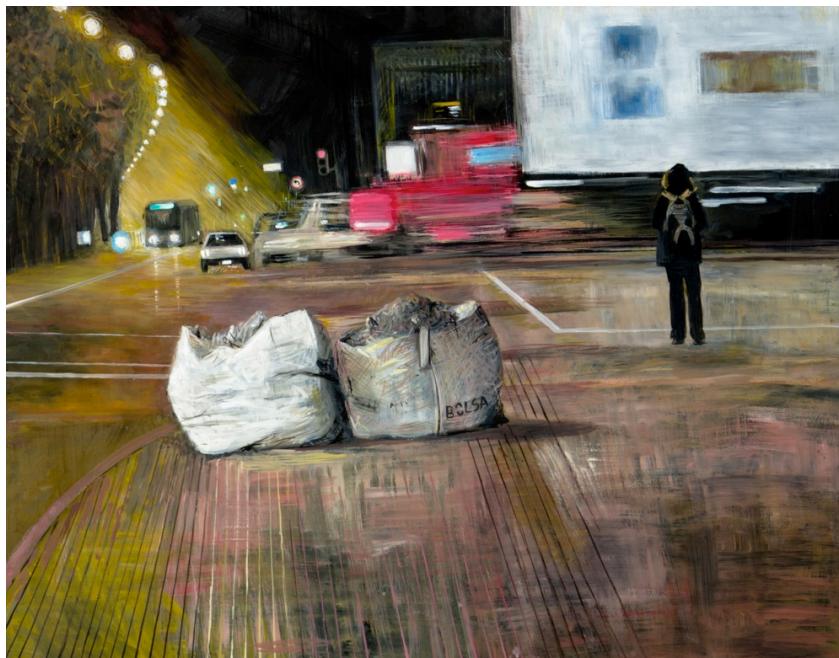


Figura 1: “Atravessando a rua”, óleo sobre madeira, 80 x 100 cm, 2013.

Fonte: a autora.

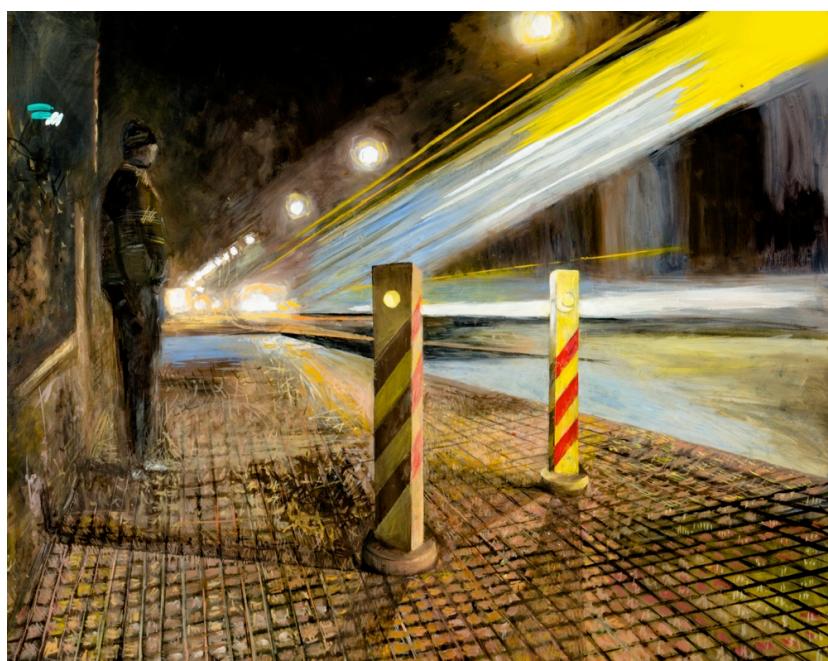


Figura 2: “Passeio na avenida”, óleo sobre madeira, 80 x 100 cm, 2015.

Fonte: a autora.

## 4. CONCLUSÕES

Acredito que é possível situar, colocar e debater as problemáticas filosóficas e vivenciais da contemporaneidade no espaço definido pela superfície de um quadro; numa obra pictórica que se resolve num suporte bidimensional, única, irreproduzível e concreta. Neste sentido, pretendo reinserir a pintura, especialmente a pintura a óleo, no contexto atual da arte, pois apesar de ser considerada como uma linguagem extremamente tradicional das artes visuais, a pintura de cavalete não tem merecido o devido espaço nas exibições de arte contemporânea.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRISSAC PEIXOTO, N. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Marca D'Água, 1996.
- HOPPER, E. **Paintings, Biography, and Quotes**. Acessado em 10 de julho 2015. Online. Disponível em: <http://www.edwardhopper.net>
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenología de la percepción**. Barcelona: Península, 1997.
- NIETZSCHE, F. **El nacimiento de la tragedia o Grecia y el pesimismo**. Madrid: Alianza, 2004.
- VIRILIO, P. **El Cibermundo, la política de lo peor**. Madrid: Cátedra, 1997.
- VIRILIO, P. **La máquina de visión**. Madrid: Cátedra, 1998.
- WITTGENSTEIN, L. **Tractatus lógico-philosophicus**. Santiago: Escuela de Filosofía Universidad ARCIS. Acessado em 10 de julho 2015. Online. Disponível em: [http://www.ub.edu/procol/sites/default/files/Wittgenstein\\_Tрактатus\\_logico\\_philosophicus.pdf](http://www.ub.edu/procol/sites/default/files/Wittgenstein_Tрактатus_logico_philosophicus.pdf)